

Um poeta muito branco¹

A Very White Poet

Flávio Carneiro*

Numa antiga crônica, perdida em algum canto qualquer da memória, Luis Fernando Verissimo contava das noites que passou em claro, quando garoto, tendo que encontrar resposta à pergunta que alguém lhe fizera na escola: se você estivesse se afogando em alto mar e precisasse escolher entre salvar sua mãe ou a bandeira do Brasil, o que escolheria? Só mais tarde, já adulto, ele iria perceber que não precisava decidir entre a bandeira e a mãe, e que o problema não estava nele, mas na pergunta.

Bith, como pessoa e como poeta, nunca deu muita bola para essa tolice de ter que decidir entre uma coisa e outra – estratégia perversa que rouba do sujeito seu sagrado direito ao “depende”. Ultrapassando Cecília – de quem se tornou (não fosse ele o rei das surpresas) convertido admirador – e se aproximando de

¹ CARNEIRO, Flávio. Um poeta muito branco. In: BITH. *Personcontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 95-101.

* Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Drummond, seu irmão de singelas miudezas, Bith sempre buscou, às vezes de fato, às vezes apenas para o sustento do sonho, ficar com isto e aquilo.

Neste seu novo livro, o poeta dá de vez as mãos ao prosador, guardando no sótão do seu coração tamanho trem a postura contemplativa, o estar-a-ver-em-comunhão, típico dos haikais de seu livro anterior, *Digitais*, para juntar-se ao movimento em processo, ao um-depois-do-outro (como gafanhoto, diria meu filho Gabriel, que ganhou do Bith a reescritura da cantiga: Biba eu, Biba tu, Biba o rabo do tatu!), aderindo então ao jogo de desdobrar-se no tempo – marca da narrativa.

Digo guardar no sótão porque não se trata de abandono, de subtração, mas de adição. O contemplativo abandona seu lugar de evidência e se lança no interior do narrativo, onde permanece vivo, ecoando suas ondas plácidas no mar revolto do fabulário.

...

No personeto 30, de título H.I. – título este que os mais afoitos, ao final da leitura, julgam ser as iniciais de Homem Invisível ou, numa segunda hipótese que não invalida a primeira, o cumprimento “hi”, ou “oi” na língua de Shakespeare, mas que o rigor crítico obriga a esclarecer que não é nada disso, que H.I. deve ser entendido como um lance de análise combinatória, sendo H a representação do número 8 (sua posição no alfabeto), e I, pelo mesmo motivo, a representação do número 9, o que perfaz 89, justamente o número de fios de cabelo constantes da cabeça do poeta quando escreveu o poema –, Bith usa a seguinte epígrafe, tirada de Riobaldo: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando.”

Ora, troquemos pessoas por poemas – ainda que trocar pessoas por poemas não seja lá uma prática muito correta, embora o mereçam algumas pessoas, e alguns poemas –, troquemos pessoas por poemas, com a necessária troca de seus artigos respectivos, e teremos uma definição possível dos *personecontos* de Bith. E mais não digo, porque já foi dito.

...

Há no livro, se visto como um todo e não como mera reunião de poemas escritos ao longo do tempo – projeto, este, inimaginável para um poeta obsessivo como o autor desses *Personecontos* –, se visto, portanto, como uma trajetória narrativa que, ao findar-se, mostra o caminho percorrido, há nesse livro não propriamente uma busca, mas a encenação de uma busca. Ou, se preferirem, há uma busca sem objeto, que se compraz em ser apenas o que é: busca. Como num dos evangelhos apócrifos de Borges, o livro de Bith parece dizer ao leitor: “Busca pelo agrado de buscar, não pelo de encontrar”.

Daí o recurso à remissão quase infinita, que o livro faz em dois sentidos. Para dentro, quando o autor brinca de criar espelhos – Paulo-Paulus, Diva-Dádiva, Soninha & Janjão, Marcos & Diva, Ademir da Guia & Rosuarda, Motel Letom etc. –, um personagem remetendo a outro(s), uma idéia ou um som dialogando com outros em sutil sinfonia. Para fora, quando o viajante busca outras plagas, nas searas de Mário, Bandeira, Poe, Machado, Glauco Mattoso, Guimarães Rosa – só pra citar os mais evidentes, a que se somam os transparentes –, no exercício de escrever com, que é, desde os primórdios poéticos de Bith, sua marca registrada.

Para dentro e para fora – às vezes simultaneamente, como no *personeconto* “Verana Ravena”, por exemplo –, a palavra vai tateando caminhos em busca. Só isso: em busca.

...

Na verdade, é preciso fazer aqui uma revelação: os contos de *Personcontos* não existem.

...

Alguns temas são recorrentes na poesia de Bith. Para citar alguns: a morte, a memória, o suicídio, a identidade (ou a falta de, ou a busca de, ou o falso encontro de). Alguns recursos poéticonarrativos são recorrentes no tratamento dos temas recorrentes: espelhamento, histórias beirando o fantástico (entre o sono e a vigília, por exemplo), humor, performances variadas de metalinguagem (feito um virtuose).

Pensando bem, tudo é recorrente nesse livro de Bith. Correndo por fora, correndo dentro, correndo atrás, tudo corre de volta, num retorno ao rio do início, baldos e largo como um mistério, rio turvo e, quando menos se espera, de repente límpido. Tudo em torno da mesma velha palavra, que se retorçe nas sombras, nas fímbrias, a mesma palavra que, não tendo sido escrita neste livro, está no entanto pairando sobre todas as outras, a mesma palavra que, quando for escrita aqui, logo adiante, não terá a mínima graça, a não ser que a tomemos por algumas de suas formas, em que ama disfarçar-se, mas é apenas ela que poderá ser escrita, aquela a que o poeta Bith, ricorrente, escolheu como guia, e que se projeta para além de qualquer alcance, uma palavrinha grande e feia, e talvez nem seja necessário dizê-la, ambigüidade, quem sabe só mesmo deixá-la solta na frase, como agora há pouco, deixá-la cair ao chão do texto distraidamente, como quem deixa cair um lenço.

...

O que existe mesmo neste livro são promessas de contos. Se não fosse um tanto mulherzinha demais a comparação, diria que Bith escreve contos em botão. Fica

para o leitor um convite: o de se tornar escritor e desdobrar cada poema em suas sete faces escondidas, estendendo o fio até que se desnovele por fim o enredo. E se o leitor for desde antes romancista, fica a tentação de espraçar por páginas e páginas cada história enovelada – que romance! –, dando forma ao sugerido, num exercício de oficina que talvez renda frutos.

Frutos, sim, mas quem sabe – e aí o convite mostra sua alma de armadilha – frutos azedos, deformados, ou mal formados, como paga a quem se meteu a desdobrar o que foi feito para permanecer dobrado. Talvez resida aí a beleza dos personecontos de Bith: ser como se fosse. E então o desejo de dar-lhes vida de história narrada pode ser mesmo como canto de sereia, o que não impede que haja Ulisses por aí dispostos à aventura, não sou eu que vou dizer que não, ora essa.

...

Bith, aliás, não cria personagens, cria personecontagens – neologismo que, a par seu jeitão pouco elegante, quase um albatroz, nos serve porque acrescenta ao já sabido o detalhe da obsessão do poeta pelos números, pelas contas exatas das quais brotam delírios. A exatidão ajuda, em *Personcontos*, não apenas a conter os devaneios, embora também seja esta uma de suas funções, mas antes a torná-los possíveis. Como Valéry, Bith sabe que “é preciso ser leve como o pássaro, não como a pluma”.

...

Como Amorim, Bith é também um mestre da etimologia. E para render homenagem a mais esta de suas qualidades, que por certo há de ter sido fundamental para sua formação enquanto emérito criador ou apropriador de nomes, desde os mais usuais aos mais exóticos, fui eu mesmo à procura da

origem de seu próprio enigmático nome, em árdua pesquisa cujo resultado transcrevo abaixo, para utilidade de futuros biógrafos do poeta:

Bith – apelido de Wilberth, nome de batismo do poeta. (Incorporado à prosódia do português do Brasil, o fonema correspondente a “th”, em inglês, teria se transformado no nosso “ti”, daí a pronúncia: “Uílberti” – que, diga-se de passagem, escrito assim parece bem esquisito).

Wilberth, ao que tudo indica, foi uma homenagem dos pais do poeta a um parente remoto, provavelmente o patriarca da família, um marinheiro inglês que teria vivido em Londres, em meados do século XVIII. Pelo que pude coletar de dados sobre esse marinheiro, seu nome seria originário de um erro gramatical, bastante comum na classe social de que fazia parte: a junção da partícula “will”, que funciona como auxiliar na formação do futuro, em inglês, não a um verbo mas a um substantivo, “berth”. A palavra “berth” é muito utilizada na linguagem da navegação, e significa, entre outras coisas, o espaço de manobra de um barco quando precisa ancorar, ou seja, “berth” é o espaço que há entre o barco e o cais, ou outros barcos ao redor. Também significava, no jargão dos marinheiros (pelo menos os daquela época): pessoa que tem habilidade de manobrar um barco, que sabe ancorar um barco, mesmo em espaços reduzidos. Como a família do velho Wilberth era bastante pobre, o nome escolhido para o filho talvez fosse uma espécie de desejo e de advertência sobre o destino daquele que estava por nascer. Nesse caso, “will” significaria: o que está por vir, o futuro, e a outra parte do nome significaria: que seja um marinheiro de verdade, com habilidade para lidar com as dificuldades, com as limitações, que saiba encontrar seu espaço, que saiba e consiga onde ancorar.

Quando optou pelo nome artístico Bith, o poeta – certamente sem saber que o fazia – na verdade estava suprimindo de seu nome a partícula indicadora de futuro (“will”), ou seja, naquele momento assumia, enfim, sua maioridade, deixando de ser apenas uma promessa e tornando-se, de fato, aquele que sabe

lidar com espaços reduzidos. No caso, aquele que tem a habilidade de criar com pouco, como João Cabral e suas “mesmas vinte palavras girando ao redor do sol”. Bith, portanto, seria sinônimo de economia de meios, de concisão. Seria – agora por extensão e certo desvio, vagando por uma imagem mais poética – a capacidade de criar, no espaço finito, a sensação de infinitude.

...

Quando Bith chegou no céu, São Pedro o recebeu com um sorriso largo e lhe perguntou:

— E então, Bith, trouxe a chave?

— Chave?!

Tsktsktsk, fez São Pedro.

— Você não sabia que pra entrar no céu precisa da chave, rapaz?

Bith olhou pra São Pedro meio envergonhado, cofiou a barba, sem saber direito o que dizer. Depois abriu a bolsa e ficou mexendo lá dentro, procurando alguma coisa. De repente encontrou o que procurava, tirou da bolsa e disse ao santo:

— Chave eu não trouxe não, mas tem aqui essa andorinha que Manuel Bandeira me deu. Serve?

São Pedro pegou a andorinha, olhou com cuidado, virou de um lado, virou de outro, e então disse:

— Você não acha que o céu já tem andorinhas demais, Bith?

Ele não respondeu. Ficou só olhando pra São Pedro.

Então São Pedro, depois de pensar um pouco, devolveu a andorinha pro Bith e o colocou pra dentro do céu, dizendo:

— Tudo bem, meu filho, pode entrar, a casa é sua.

E completou, balançando os ombros:

— Afinal, duas andorinhas a mais, duas a menos...



Um poeta muito branco

Flávio Carneiro***

NUMA ANTIGA CRÔNICA, perdida em algum canto qualquer da memória, Luis Fernando Veríssimo contava das noites que passou em claro, quando garoto, tendo que encontrar resposta à pergunta que alguém lhe fizera na escola: se você estivesse se afogando em alto mar e precisasse escolher entre salvar sua mãe ou a bandeira do Brasil, o que escolheria? Só mais tarde, já adulto, ele iria perceber que não precisava decidir entre a bandeira e a mãe, e que o problema não estava nele, mas na pergunta.

Bith, como pessoa e como poeta, nunca deu muita bola para essa tolice de ter que decidir entre uma coisa e outra – estratégia perversa que rouba do sujeito seu sagrado direito ao “depende”. Ultrapassando Cecília – de quem se tornou (não fosse ele o rei das surpresas) convertido admirador – e se aproximando de Drummond, seu irmão de singelas miudezas, Bith sempre buscou, às vezes de fato, às vezes apenas para o sustento do sonho, ficar com isto e aquilo.

Neste seu novo livro, o poeta dá de vez as mãos ao prosador, guardando no sótão do seu coração tamanho trem a postura contemplativa, o estar-a-ver-em-comunhão, típico dos haikais de seu livro anterior, *Digitais*, para juntar-se ao movimento em processo, ao um-depois-do-outro (como gafanhoto, diria meu filho Gabriel, que ganhou do Bith a reescritura da cantiga: Biba eu, Biba tu, Biba o rabo do tatu!), aderindo então ao jogo de desdobrar-se no tempo – marca da narrativa.

Digo guardar no sótão porque não se trata de abandono, de subtração, mas de adição. O contemplativo abandona seu lugar de evi-

PERSONECONTOS :::: 95

Capa de *Personecontos*, de Bith, e a página inicial do texto de Flávio Carneiro.